

Centro Cultural São Paulo, 14 de março de 2013

Alexandre Vive!

Nestes dias de março homenageamos Alexandre Vannuchi Leme. Quem é Alexandre e porque estamos aqui?

-Alexandre era estudante de geologia da USP, estava no 4º ano do curso.

Passou em primeiro lugar no vestibular. Tinha projetos que levava com o entusiasmo dos seus 22 anos de idade, enriquecido pela responsabilidade com que se dedicava à formação profissional e à participação na vida estudantil acadêmica.

No dia 12 de março de 1973, 40 anos atrás, despediu-se dos pais, e viajou de Sorocaba onde morava, para São Paulo. As aulas na USP haviam começado. Disse em casa: volto no próximo domingo para o almoço.

Não voltou!

-Dona Egle e o professor José ficaram preocupados. Certamente o filho avisaria sobre o atraso. Oito dias depois, no dia 20, receberam um telefonema: “O Alexandre está aqui no DOPS, em São Paulo, venham busca-lo.” Quem telefonava não se identificou.

Em São Paulo, o professor José seguiu para o Dops. Informaram que ali não havia nenhum Alexandre. Foi ao DEIC, ao Degran, e depois ao DOI/CODI do II Exército. Nada ficou esclarecido, voltou de mãos vazias para Sorocaba.

No dia 23, quando retornava a São Paulo, leu no jornal a notícia sobre a morte de Alexandre por atropelamento. Foi ao IML, e não conseguiu ver o corpo do filho. Disseram ao professor José: Se o sr. quiser o atestado de óbito, poderá retirá-lo.

O que de fato aconteceu?

No dia 15 de março, Alexandre assistiu à aula na universidade, com seus colegas de classe. A partir de então não mais o viram. Alexandre fora sequestrado pelos órgãos da repressão e torturado barbaramente dentro do DOI/CODI até a morte. Entre o dia 15 e o atestado de óbito, datado de 17 de março, passaram-se menos de 48 horas. Alexandre foi executado na tortura e retirado sangrando da cela forte onde o jogaram. Arrastado pelo chão, os presos ali sequestrados puderam ouvir: **“Sou Alexandre Vannuchi Leme, sou estudante de Geologia, me acusaram de ser da ALN (Ação Libertadora Nacional), eu só disse meu nome.”**

Alexandre foi torturado a noite inteira. Seus gritos foram ouvidos pelos então presos que testemunharam em entrevistas publicadas anos depois. Em 1978, uma das ex-presas, disse à Folha de São Paulo ter escutado, durante dois dias,

as ameaças dos torturadores e os gritos de Alexandre. Os órgãos da repressão deram 3 versões diferentes sobre a morte: a primeira é que havia se suicidado com uma lâmina de barbear, e outras duas, descontraídas, sobre seu atropelamento por um caminhão no bairro do Brás. E por fim os torturadores encenaram o inimaginável: ao enterra-lo como indigente em cova rasa, forrada de cal virgem, provocaram a decomposição rápida, tentando apagar as evidências que Alexandre tinha inscritas no seu corpo, as marcas da tortura que o levaram à morte.

-Indignaram-se os colegas, alunos e professores da USP e assumiram o movimento pelo esclarecimento dos fatos. Formaram comissões para apurar as circunstâncias da morte de Alexandre e do desaparecimento e prisões de outros estudantes. Ainda sob marcos da ditadura, vilã e truculenta, os estudantes de 30 centros acadêmicos da USP, da PUC/SP, da PUC/RJ e de várias cidades, se mobilizaram. Declaram luto. No dia 30 de março foi convocada uma missa às 18h30 na catedral da Sé, celebrada pelo cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. A cidade foi ocupada por tropas de choque e policiamento ostensivo, que tentavam barrar o acesso à Catedral. De todos os lados a indignação e a revolta manifestaram-se na convocação, apoio e presença que lotou a Catedral. Entre os artistas e cantores, Sergio Ricardo, que denunciara a morte do estudante Edson Luiz ocorrida em 1968, no restaurante Calabouço do Rio de Janeiro, foi aplaudido com emoção ao cantar no interior da Igreja.

-A homenagem de hoje, revive esta memória de unidade na luta contra um inimigo comum. Este inimigo é a truculência, a tortura, qualquer prática que avilte o cidadão, o estudante, o trabalhador na cidade e no campo, o trabalhador sem terra, o migrante, o adolescente e a criança, os que vivem em situação de rua. Que violento o idoso desamparado, os indígenas e os quilombolas, e aquele que é submetido a trabalho escravo. Qualquer forma de exclusão e de tortura praticada pelos que devem proteger os cidadãos e cidadãs exige nossa indignação.

Não, não perdemos a capacidade de nos indignar, apesar do tempo que passou. De diferentes formas queremos dizer que a agonia de Alexandre **não foi em vão**. O resgate da verdade sobre o que ocorreu e o que atinge covardemente os que vivem neste país, deve ser conhecido.

A dor pelo assassinato de Alexandre não foi e não é apenas uma dor individual de seus familiares, colegas e amigos. É uma dor também coletiva e de todos nós que apostamos na liberdade, e pleno exercício da justiça.

Assassinato é crime. A tortura é sempre crime, em qualquer circunstância. Todo crime exige julgamento e exige punição. Sempre há tempo, pois o crime de tortura não prescreve conforme o artigo 5º da nossa Constituição. Em torno da memória de Alexandre Vannuchi Leme, seus familiares, sua irmã, seu primo Paulo, seus amigos que o conheceram de perto estão aqui. Estão os colegas de

Alexandre e professores. Estão os estudantes que não o conheceram pessoalmente, mas que apoiam a homenagem em nome do DCE Livre Alexandre Vannuchi Leme da USP.

Estão muitos que se empenharam na organização das homenagens que continuam amanhã ao meio dia, no Instituto de Geociências da USP, durante a 68ª Caravana da Anistia e à tarde com uma missa na mesma catedral da Sé, às 18 horas, quando os sinos anunciam o cair da tarde.

Participam da organização, ao lado dos familiares de Alexandre, muitas instituições que decidiram viabilizar o resgate da memória em busca da verdade.

Estamos todos aqui, em nome próprio ou representando nossas instituições.

E sobretudo aqui está o cantor Sergio Ricardo!

Alexandre presente!